RESUMO

O artigo propõe uma investigação sobre a importância da musicalidade presente nos contos de fadas na educação musical infantil. Utilizando uma metodologia de revisão bibliográfica, o estudo tem como objetivo geral compreender a relevância desses elementos na formação cultural e educacional das crianças. A análise é embasada em uma perspectiva sócio-histórica, explorando como ritmo, melodia e harmonia, componentes intrínsecos à musicalidade em contos de fadas, contribuem para o desenvolvimento cognitivo e emocional infantil. Os resultados evidenciam que a musicalidade não atua apenas como entretenimento, mas serve como uma ferramenta pedagógica eficaz. Conclui-se que a integração de contos de fadas no ensino musical é uma estratégia valiosa, que deveria ser mais sistematicamente incorporada ao currículo da educação infantil. O estudo abre caminho para futuras pesquisas empíricas sobre o impacto dessa integração na educação musical.

Palavras-chave: Musicalidade; Contos de Fadas; Recursos Pedagógicos.

INTRODUÇÃO

A musicalidade é uma habilidade intrínseca do ser humano que exerce um papel vital no desenvolvimento infantil (SWANWICK, 1988). Concomitantemente, os contos de fadas emergem como uma ferramenta pedagógica de imenso valor, capaz de fomentar a educação musical de crianças (Zipes, 2006; Bettelheim, 1989). A fusão desses dois elementos pode originar uma experiência educacional rica e profundamente enriquecedora. O presente texto busca entender a relevância da integração de contos de fadas e musicalidade no contexto educacional infantil.

A justificativa deste estudo concentra-se no potencial interdisciplinar dos contos de fadas em conjunto com a música. O questionamento central é: "Como a integração de contos de fadas no ensino musical pode ampliar a musicalidade das crianças?" O objetivo geral é compreender a importância da musicalidade intrínseca nos contos de fadas para a formação educacional e cultural de crianças na fase pré-escolar.

Incorporar os contos de fadas na Educação Infantil é uma estratégia didática que vai além do entretenimento, servindo também como meio de transmissão de valores culturais, ensinamentos morais e compreensão emocional (Bettelheim, 1989; Zipes, 2006). Do ponto de vista pedagógico, os contos podem desenvolver habilidades de leitura e escrita e introduzir conceitos complexos de forma lúdica (NIKOLAJEVA, 2014). A música, por sua vez, atua como um amplificador dessas capacidades, servindo como um elemento que intensifica as emoções e torna as histórias mais memoráveis (MARSH, 2010).

Os contos de fadas, em sua natureza lúdica, oferecem um meio eficaz para engajar crianças em atividades educacionais (Negrine, 1997). Quando combinados com elementos musicais, proporcionam uma experiência pedagógica ainda mais completa. Atividades como cantar, dançar e compor podem ser integradas na narrativa, proporcionando um ambiente de aprendizado interdisciplinar (MARSH, 2010).

A integração de contos de fadas e musicalidade na Educação Infantil não é apenas uma inovação pedagógica, mas um imperativo para o desenvolvimento holístico da criança. Ela atende às necessidades educacionais enquanto enriquece a experiência cultural e emocional das crianças.

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA SOCIOHISTÓRICA

Na perspectiva sócio-histórica, as origens remontam aos estudos de Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) na década de 1920, na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Vygotsky, no decorrer de suas pesquisas, evidenciou a importância central da mediação simbólica através de signos e instrumentos culturais, bem como a mediação social no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (SOUZA, 2010).

Segundo Mendes (2011), o ser humano, em sua própria formação enquanto sujeito sócio-histórico, estabelece uma conexão com a história e a cultura de seu entorno, atuando no mundo de forma a influenciar transformações históricas e sendo moldado pelas circunstâncias em que está inserido. Ele age como agente de mudança, modificando e sendo modificado pelo contexto em que vive.

Neste contexto, este trabalho adota uma visão sócio-histórica da criança. Considera-se que não há uma essência inata da infância, mas sim a condição de ser criança dentro de uma cultura específica, em um determinado espaço e período. Esses fatores, somados às influências biológicas, moldam a realidade e a subjetividade da infância. Na cultura em que vivemos, por exemplo, por volta dos dois ou três anos, as crianças começam a desenvolver independência em

relação aos seus sentimentos e a construir a noção de autoconceito, o que resulta em comportamento pró-social em seu ambiente. Comportamento pró-social envolve ações voluntárias que visam ajudar os outros, sem a expectativa de recompensa. Exemplos de comportamento pró-social incluem empatia e reciprocidade (CARLO E KOLLER, 1998).

Na perspectiva de Vygotsky, a mediação social desempenha um papel de suma importância na compreensão do desenvolvimento humano, como explicitado em sua obra "Formação Social da Mente" (2007). Ele criticou as abordagens inatistas-maturacionistas, que assumem uma evolução progressiva e uma acumulação quantitativa, explicando o desenvolvimento como resultado de mudanças graduais e descontínuas (MENDES, 2011). Em contraposição, Vygotsky argumentou que os indivíduos se constituem na e a partir da complexidade das relações sociais, contestando a ideia de que o desenvolvimento seja predominantemente impulsionado pela maturação biológica.

As funções psicológicas superiores, de acordo com Tosta (2012), representam o comportamento consciente do ser humano, moldado pelas experiências vividas e pelas relações com o mundo, mediadas por instrumentos físicos e simbólicos. Essas funções englobam habilidades como planejamento, memória seletiva, pensamento abstrato e controle consciente do comportamento. Vygotsky (2007) ressaltou a interconexão entre pensamento e linguagem desde o nascimento, destacando que a aprendizagem gera o desenvolvimento.

No contexto da Educação Infantil, essa perspectiva ganha relevância, uma vez que os ambientes físicos e sociais influenciam a aprendizagem das crianças, que chegam à escola com conhecimentos adquiridos por meio de experiências pessoais diretas, denominados "conceitos cotidianos ou espontâneos". Por outro lado, os "conceitos científicos" são adquiridos por meio de atividades sistematizadas, como as realizadas em sala de aula, e não são diretamente acessíveis à observação ou ação imediata da criança. A escola desempenha um papel essencial na formação desses conceitos científicos, proporcionando às crianças conhecimento sistematizado que vai além de suas experiências diretas (COELHO e PISONI, 2012).

Vygotsky (2007) salientou a importância da linguagem no desenvolvimento do sujeito, destacando que a linguagem integra o indivíduo ao contexto social e histórico. A linguagem é um instrumento fundamental no processo de subjetivação, e os signos desempenham um papel crucial como ferramentas psicológicas que moldam o pensamento e a ação humanos, facilitando a comunicação e a socialização de experiências. Enquanto os significados são construções sociais relativamente estáveis que permitem a comunicação, os sentidos são mais amplos e se relacionam aos eventos psicológicos que o sujeito produz diante da realidade, sendo historicamente construídos. O sujeito transforma o social em psicológico, abrindo caminho para a emergência do novo (VYGOTSKY, 2007).

A apreensão dos sentidos não significa apreendermos uma resposta única, coerente, absolutamente definida, completa, mas expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele. (AGUIAR E OZELLA, 2006, P. 228).

IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A prática ancestral de narrar histórias tem cativado crianças e adultos de diversas origens culturais e lugares ao longo de muitos séculos. De acordo com Ostteto (2007, p. 11), as narrativas compartilhadas no contexto da educação infantil possuem um caráter encantador. Esse encantamento se manifesta não apenas no maravilhamento das crianças e nas oportunidades de enriquecimento do ambiente educacional diário, mas também na descoberta das alegrias de se envolver em fantasias, na leitura de contos de fadas e na exploração dos encantos das educadoras, que se desafiam a resgatar sua identidade, sua expressão, sua voz e seus propósitos.

Tal encantamento é uma manifestação do processo criativo e imaginativo. Que ocorre como parte da busca por materiais literários que proporcionam momentos de prazer, facilitando diversas oportunidades de aprendizado, estimulando a curiosidade e expandindo o conhecimento. De acordo com Frantz (2001):

A literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas (Frantz, 2001, p. 16).

Assim, a literatura concebida por adultos, visa principalmente, transmitir conhecimento de acordo com sua perspectiva madura, tornando-o cativante e acessível às crianças, com o propósito de guiá-las nesse encantador universo da fantasia (Meireles, 1984).

O livro infantil, se bem que dirigido à criança, é de invenção e intenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores. E transmite-os na linguagem e no estilo que adulto igualmente crê adequados à compreensão e ao gosto do seu público (Meireles, 1984, p. 29)

Observa-se, portanto, que alguns escritores direcionados ao público infantil produzem textos de qualidade inferior, muitas vezes subestimando a capacidade das crianças de compreensão e apreciação. Como destacado por Paiva e Oliveira (2010, p. 30), os contos destinados às crianças têm o poder de evocar uma variedade de emoções e expandir suas perspectivas em relação ao mundo. Nesse encontro com a fantasia, a criança mergulha em seu mundo interior, estabelecendo um diálogo com seus sentimentos mais profundos. Ela vive intensamente os dramas e as expressões dos personagens em um cenário imaginário, o que lhe permite identificar e compreender suas próprias dificuldades.

A imaginação permite-nos desenvolver o pensamento criativo, fundamental para nossa inserção no mundo. Contudo, a escola pouco valoriza e trabalha a imaginação, como se ela fosse apenas resultado de uma racionalidade pouco desenvolvida na criança, como se, ao longo do processo de desenvolvimento, a imaginação fosse substituída pela razão, característica do pensamento adulto (GOUVEA, 2007, p. 125).

Proporcionar à criança a experiência prazerosa de ouvir uma história estimula sua curiosidade, amplia seu repertório de informações e contribui para a construção de novos conhecimentos. De acordo com Falconi e Farago (2015, p. 97), as narrativas desempenham um papel fundamental nesse processo, enriquecendo a bagagem de experiências das crianças e desenvolvendo suas habilidades, bem como cultivando o gosto pela literatura e fomentando o interesse pela leitura. Além disso, esse momento envolvendo o conto possui um poder significativo, proporcionando à criança a oportunidade de simbolizar eventos e auxiliando-a na resolução de conflitos, conferindo sentido às suas emoções.

Os contos falam ao inconsciente e através de imagem que vão conversar com bruxas, os monstros, os medos que estão assustando com auxílio das fadas, da espada mágica, as crianças adquirem forças para vencer, enquanto o problema inconsciente não é solucionado ouve ou lê a história até que resolve é esse um dos motivos que leva a crianças a pedirem que lhe contém várias vezes a mesma história" (PAVONI, 1989, p. 19).

Assim, podemos observar que as narrativas exercem um impacto direto no inconsciente das crianças, evitando sermonizações e, caso seus problemas não tenham sido resolvidos, a criança manifestará o desejo de ouvir a história repetidas vezes, buscando assimilar a resolução de seus conflitos. Conforme esclarece Radino (2003, p. 171), quando a criança solicita a repetição da história, ela está buscando uma forma de apropriar-se de suas emoções e processá-las. Por meio de brincadeiras e dramatizações subsequentes, a criança consegue expressar seus sentimentos, o que desempenha um papel significativo em sua vida interior. Como observado por Sandroni e Machado (2000, p. 12), desde cedo, a criança percebe que os livros proporcionam prazer e são algo valioso.

A MÚSICA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Desde o momento do nascimento, o bebê expressa os primeiros sons, aproveitando-se da voz como uma poderosa ferramenta musical inata dos seres humanos. Mesmo antes de nascer, enquanto ainda está no útero materno, a criança se encontra imersa em um ambiente rico em experiências musicais, cercada por uma variedade de sons e ruídos. De acordo com Brito (2003, p. 35):

> [...] pois na fase intrauterina os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos intestinos. A voz materna também constitui material sonoro especial e referência afetiva para eles (BRITO, 2003, p.35).

Partindo dessa compreensão sobre o impacto da musicalização na Educação Infantil, é possível afirmar que, além de auxiliar no desenvolvimento da linguagem, a música também desempenha um papel fundamental na compreensão da cultura e dos valores presentes na sociedade. Como destaca Góes (2009):

> A presença da música na vida dos seres humanos é incontestável. Ela tem acompanhado a história da humanidade, ao longo dos tempos, exercendo as mais diferentes funções. Está presente em todas as regiões do globo, em todas as culturas, em todas as épocas, ou seja, a música é uma linguagem universal, que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço (GÓES, 2009, p. 2).

Através da música, as crianças são convidadas a explorar sentimentos, estimular sensações e reavivar lembranças. A música não apenas serve como uma forma de transmitir a cultura, mas também é uma poderosa ferramenta de expressão e reflexão.

> [...] a música é um tipo de linguagem, é uma arte, e é de suma importância para o desenvolvimento integral da criança, pois está presente em todas as culturas desde "comemorações, festas, rituais religiosos, manifestações cívicas e políticas" (BRASIL, 1998, p.45)

Assim, a música pode se tornar um recurso pedagógico valioso quando é cuidadosamente planejada e orientada pelo educador, ou seja, quando há uma intenciona-

lidade explícita em seu uso. De acordo com Arribas (2006), elementos como ritmo, harmonia e melodia desempenham um papel facilitador e contribuem para o processo de ensino-aprendizagem.

[...] o ritmo, na música é a maneira de suceder-se, alternarem-se os sons (sílabas, pulsações), e destes, seus acentos fortes e fracos, suas durações curtas ou longas. A melodia, procedente a linguagem, é a linha horizontal da 12 música (um som após o outro). A harmonia é a fusão e a simultaneidade dos sons, é a verticalidade da música (ARRIBAS, 2006, p. 245).

Os sentimentos, a corporeidade e as experiências sensoriais despertados pelo ritmo, melodia, harmonia e letras, quando combinados, facilitam o processo de aprendizado, promovendo o desenvolvimento da linguagem infantil de maneira lúdica e prazerosa. Dependendo da intencionalidade por trás de sua aplicação, a música pode evocar e expressar sentimentos, sensações e pensamentos.

Uma abordagem eficaz de musicalização com crianças pequenas deve levar em consideração os conhecimentos que as crianças já possuem e buscar expandi-los, respeitando a bagagem de experiências prévias de cada uma. Quando ingressam na escola, as crianças se deparam com um ambiente novo e desafiador, no qual a primeira experiência sonora marcante é o contato com a voz do professor.

Conforme as crianças se adaptam ao novo ambiente escolar, elas entram em contato com uma gama diversificada de estímulos sonoros. A adaptação a esse novo espaço exige um sentimento de familiaridade e conforto o mais rápido possível. Nesse contexto, a música desempenha um papel significativo, servindo como um meio para estabelecer e fortalecer as primeiras relações sociais. Ademais, métodos de expressão que transmitem emoções, como a alegria e contentamento, começam a ser utilizados pelas crianças desde cedo para se comunicarem (CRAIDY E KAERCHER, 2001).

Portanto, a música pode ser utilizada na escola como uma ferramenta de comunicação e intercâmbio, possibilitando o desenvolvimento afetivo, psicológico e cognitivo das crianças por meio da mediação do adulto e da introdução de elementos sonoro-musicais. Isso cria vínculos tanto entre adultos e crianças quanto com a própria música. (Brito, 2003).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ressalta a importância de incluir aprendizados essenciais para crianças na primeira etapa da educação, com ênfase na musicalização. Essa abordagem é fundamental para que a criança entre em contato com a cultura e possa se expressar de diversas formas.

MUSICALIDADE E LEITURA

Na educação infantil, a música desempenha um papel de destaque desde os primeiros anos, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem de forma cativante e agradável. No âmbito pedagógico, a música é considerada uma ferramenta contínua de construção que, para além de proporcionar alegria e satisfação, possibilita à criança explorar sua identidade e desenvolver sua compreensão do esquema corporal, bem como habilidades de comunicação com os outros.

Conforme observado por Gainza (1988), "a música e o som estimulam tanto o movimento interno quanto externo no ser humano, impulsionando-o à ação e desencadeando uma ampla gama de comportamentos com diferentes qualidades e graus". Nessa perspectiva, a música assume um papel de extrema importância na educação. No contexto da arte-educação, ela contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, percepção e imaginação, tanto na realização de atividades artísticas e musicais quanto como recurso complementar nas atividades em sala de aula.

Geralmente, as primeiras canções aprendidas em sala de aula têm origem no folclore popular. Essas melodias, juntamente com outras transmitidas oralmente, representam formas inteligentes que a sabedoria humana inventou para preparar as crianças para a vida adulta. Nesse sentido, Brito (2003) argumenta que os jogos de improvisação devem ser incorporados à educação infantil, uma vez que abordam aspectos simbólicos e sensório-motores. Em outras palavras, a integração de jogos e linguagem musical, juntamente com uma abordagem de leitura alinhada com o processo de ensino-aprendizagem na educação infantil, torna o ensino mais atrativo para as crianças e facilita a compreensão dos conteúdos adequados à sua faixa etária.

Entretanto, é crucial lembrar que, em alguns ambientes de aprendizado infantil, a música tem sido limitada a momentos de recreação e festividades comemorativas, muitas vezes sem objetivos mais amplos relacionados ao desenvolvimento global da criança, o que negligencia sua riqueza cultural e social.

Conforme estabelecido no Referencial Curricular para a Educação Infantil (Brasil, 1998, p. 60), é fundamental que todos os conteúdos sejam abordados em situações expressivas e significativas para as crianças, considerando-os como fins em si mesmos. Isso ressalta a importância de integrar a linguagem musical de maneira coerente no plano diário, seguindo objetivos pré-estabelecidos pelo educador. É crucial enfatizar que a incorporação da música na sala de aula deve ser multidisciplinar, assim como as técnicas pedagógicas, que devem ser adaptadas a

cada realidade, levando em consideração o aspecto humano e social da música. Através dessas práticas, as crianças aprendem a superar obstáculos de aprendizagem, explorando suas capacidades e estabelecendo conexões com o ambiente que as cerca, por meio do canto, da imitação de sons e da improvisação, como destaca Brito (2003).

A cultura popular infantil oferece uma riqueza de produtos musicais que o educador pode e deve explorar de forma livre, proporcionando às crianças a oportunidade de descobrir o valor cultural presente nessa linguagem. Dentro desse contexto, as cantigas do folclore brasileiro encontram representações em livros de histórias infantis, em alguns casos, tornando-se a própria letra da canção. Esses livros desempenham um papel facilitador na diferenciação entre a voz falada e a voz cantada, contribuindo para a formação de leitores, aproximando-os do texto.

Entre esses exemplos de textos musicados, as fábulas, com histórias de animais personificados e moral no final, atraem a atenção das crianças. Alguns livros notáveis que incorporam histórias musicadas incluem "Chapeuzinho Vermelho", "Tem gato na tuba", "A Barata diz que tem", "Borboletinha", "O trem maluco", entre outros. Nestas obras, tanto a literatura quanto a música são exploradas como instrumentos para compartilhar experiências, expressar sentimentos, impressões e estados de espírito. Esse enfoque interdisciplinar contribui para o desenvolvimento dos sentidos, especialmente aprimorando a sensibilidade perceptiva e fomentando uma variedade de interpretações (Brito, 2003).

A metodologia de ensino adotada pelo educador desempenha um papel crucial no desenvolvimento dos alunos. Portanto, a integração da prática de leitura com a música depende da relação que o educador e as crianças estabelecem desde os primeiros anos da educação infantil. Sobre a função do educador nesse contexto, Rosa (1990) acrescenta que:

O educador consciente apresenta aos alunos as mais variadas situações de aprendizagem, entre as que envolvem a linguagem musical. É importante lembrar que a atividade com a linguagem musical não é uma simples oportunidade para o professor fazer recreação. Em muitas circunstâncias bem planejadas ela é uma forma de representação de vida da criança (Rosa, 1990, p. 20).

No contexto dos contos de fadas, percebe-se que a abordagem da linguagem musical na sala de aula exige uma estratégia bem definida por parte do educador. Primeiramente, o educador precisa estabelecer um objetivo claro para essa atividade, que, no caso dos contos de fadas, pode ser a exploração da musicalidade dessas narrativas mágicas. Em segundo lugar, essa abordagem musical oferece oportunidades para que a criança descubra sua identidade à medida que se envolve com as histórias e suas trilhas sonoras.

Nesse contexto, é fundamental que a escola integre a música de maneira significativa, incluindo interpretação e criação de canções baseadas nos contos de fadas, bem como a utilização de brinquedos cantados e rítmicos que complementem a narrativa encantadora. Quanto à importância da música no processo de ensino-aprendizagem, conforme destacado por Gainza (1988), a música desempenha um papel transformador no desenvolvimento da criança. Ao trabalhar com a música, a motricidade e a sensorialidade são estimuladas por meio do ritmo e do som, enquanto a melodia afeta a esfera afetiva.

É importante ressaltar que a música não substitui os outros aspectos da educação; em vez disso, ela atua como um elemento que visa alcançar o ser humano em sua totalidade, especialmente quando o conteúdo didático requer recursos que facilitem a aquisição e a assimilação pelos alunos (Brito, 2003). Certamente, esses livros convidam leitores de todas as idades a mergulhar nos contos de fadas e a participar ativamente dessas experiências musicais, desenvolvendo o senso de leitura e aproximando-os das riquezas que os contos de fadas e a música podem proporcionar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão do presente estudo visa sintetizar os principais resultados alcançados na investigação da relevância da musicalidade em contos de fadas para a formação educacional e cultural de crianças. A análise foi conduzida sob uma perspectiva sócio-histórica, fornecendo um quadro para entender o papel significativo que a música desempenha no desenvolvimento da criança dentro de um contexto cultural e social complexo.

Foi observado que elementos musicais, tais como ritmo, melodia e harmonia, presentes em contos de fadas, têm a capacidade de estimular a imaginação das crianças e contribuir para o desenvolvimento de habilidades emocionais e cognitivas. Esses elementos, quando integrados de forma eficaz nas práticas pedagógicas, possibilitam uma abordagem lúdica e significativa à aprendizagem, enriquecendo assim a experiência educativa.

Estratégias pedagógicas para a integração de contos de fadas no ensino musical também foram examinadas. Constatou-se que tal integração não apenas amplia o entendimento musical, mas também fortalece a habilidade das crianças de expressar emo-

ções e se comunicar de forma eficaz.

Em função dos resultados obtidos, conclui-se que a musicalidade em contos de fadas excede a função de mero entretenimento, constituindo-se como uma ferramenta pedagógica relevante para o desenvolvimento global da criança, incluindo aspectos cognitivos, emocionais e culturais. Este estudo sugere a necessidade de incorporar de maneira sistemática a musicalidade dessas narrativas ao currículo da educação infantil, visando contribuir para a formação de indivíduos mais sensíveis, criativos e culturalmente conscientes.

Finalmente, este estudo lança as bases para investigações futuras que possam avaliar de maneira empírica o impacto de tais práticas pedagógicas no desenvolvimento da criança, além de explorar ainda mais métodos e estratégias para implementação eficaz no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.

ARIBAS, T. L. Música e Educação: a contribuição de Jaques-Dalcroze.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

BETTELHEIM, B. Psicanálise dos contos de fadas. 1. ed. [S.l]: Paz e Terra, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, T. A. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. São Paulo; Peirópolis, 2003.

CARLO, G.; KOLLER, S. H. Interamerican perspectives on prosocial development in childhood and adolescence. Interamerican Journal of Psychology, v. 32, n. 2, p. 67-77, 1998.

COELHO, L. F.P.; PISONI, A. A dialogicidade na construção de conceitos científicos e cotidianos em educação infantil. Cadernos de Pesquisa, v. 42, n. 145, p. 64-80, 2012.

CRAIDY, C; KAERCHER, G. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FALCONI, L.; FARAGO, F. Narrativas infanto-juvenis: contribuições para a psicoterapia de crianças. Temas Psicol, v. 23, n. 1, p. 85 – 97, 2015.

FRANTZ, Milton. Leitura e desenvolvimento da criança: aspectos teórico-metodológicos. Passo Fundo: [s.n.], 2001.

GAINZA, V. H. Estudos de psicologia da música. Paraíba: FUNESC, 1988.

GÓES, F. Música e Educação Infantil: possibilidades de intervenção educacional. São Paulo: Mediação, 2009.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Imaginação e criação na infância. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARQUES, S. Música, ética e educação: desenvolvendo valores morais e atitudes através do ensino de música. In: Anais do XXIII Encontro da ANPAP. Belém, PA, 2015. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2015/2522.pdf. Acesso em

MARSH, K. Music and storytelling in early childhood: Enhancing language and literacy. Australian Journal of Early Childhood, [S.l], v. 35, n. 4, p. 100-110, 2010.

MEIRELES, Cecília. Problemas da literatura infantil. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MENDES, D. M. L. F. Dialogismo e interação social no trabalho com conceitos espontâneos e científicos. Cadernos de Pesquisa, v. 41, n. 142, p. 174-195, 2011.

NEGRINE, A. Aprendizagem e desenvolvimento infantil. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NIKOLAJEVA, M. Reading for learning: cognitive approaches to children's literature. 1. ed. [S.l]: John Benjamins Publishing Company, 2014.

OSTETTO, Luciana E. (Org.). Encontros e encantamentos na educação infantil: compartilhando experiências de estágios. Campinas: Alínea, 2007.

PAIVA, Glória Maria dos Santos e OLIVEIRA, Saniele Gisele. O lúdico e o literário através dos contos de fadas. Psicologia USP, v. 21, n. 4, p. 717 – 731. 2010.

PAVONI, Dulce Aparecida. Contos de fadas: análise simbólica. São Paulo: Cortez, 1989.

RADINO, Sandra Aparecida. Conta para mim: um estudo de caso sobre jogos dramáticos na educação infantil. Campinas: Unicamp, 2003. (Dissertação de Mestrado)

ROSA, D. N. Educação musical e seus conteúdos. Belo Horizonte: Líthos, 1990.

SANDRONI, L. C. &. MACHADO, N. J. Alguma coisa a mais por favor. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 81, n. 197, p. 13 – 32, 2000.

SOUZA, L. M. T. Zona de desenvolvimento proximal: apropriações e desafios à teoria histórico-cultural. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 43, p. 549-562, 2010.

SWANWICK, K. Music, mind and education. 1. ed. [S.l]: Routledge, 1988.

TOSTA, S. P. A mediação no processo de ensino-aprendizagem segundo a teoria histórico-cultural: concepções de pais e professores. Educación y Cultura, v. 24, n. 42, 2012.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZIPES, J. Why fairy tales stick: The evolution and relevance of a genre. 1. ed. [S.l]: Routledge, 2006.